Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3311unse_0

o XXXIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1957 – N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Natal . . . . . *Redação*
O Militar em face do Espiritismo . *General Levino C. Wischral*
O Plano Divino da Evolução . . . *Ismael Gomes Braga*
A Bíblia e o Espiritismo . . . . *J. Herculano Pires*
Congresso Mundial de Espiritismo em París . . . . . *Do "Correio da Manhã" - Rio*
A Ciência, a serviço do Materialismo *V. O. Casella*
Sêres Humanos sem Cérebro . . . *Cicero Pimentel*
Carta Aberta . . . . . *Aleixo Victor Magaldi*
Mais um Colaborador... . . . . *Rodolpho dos Santos Ferreira*
A Ressurreição . . . . . *Bianôr Medeiros*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Natal dos Pobres

Prezado Senhor

Paz em Jesus

Estamos nos aproximando da maior festa da cristandade, o Natal, pois nêsse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças de sua alma e dos mais variados modos. Assim, como nos anos anteriores, os Centros Espíritas «Amantes da Pobreza», «Allan Kardec» e Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», patrocinados pela União Municipal Espírita de Matão, em comemoração ao natalício de Jesus, realizarão o «NATAL DOS POBRES», distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Nesse sentido a Comissão Organizadora do «NATAL DOS POBRES» solicita de V. S. um donativo, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, até mesmo usadas, tecidos, agradecendo-lhe desde já a atenção que nos for dispensada.

Com votos de Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

PELA COMISSÃO,

Antonia Perche S. Campêlo

Presidente do Dep. de Assistência Social da UME.

Matão, Outubro de 1957.

ANO XXXIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1957 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

NATAL

SEM a menor dúvida, a vinda de Jesus ao nosso mundo constituiu um dos maiores acontecimentos registrados na História da Humanidade. É o primeiro dos grandes acontecimentos, porque a missão de Jesus vai além do plano material, muito além, porque nos desvendou os amplos horizontes da vida espiritual, da vida eterna, de maneira quasi palpável, tal a clareza com que expunha os seus pensamentos e ensinos, isto sem falar dos seus prodígios, os chamados milagres, que outra cousa não são senão o fruto das leis naturais, sejam humanas ou divinas, mas que a ignorância das criaturas denominam de milagres.

Conhecendo a fundo essas leis, estava Jesus habilitado a realizar o que realizou, maravilhando as massas. Muitos profetas e sábios enriqueceram o patrimônio espiritual e intelectual da humanidade, mas nenhum dêles fez o que Jesus fez, e nenhum dêles proclamou com tanta fôrça e clareza a imortalidade da alma como Jesus, dando os testemunhos que Jesus deu da vida eterna.

Quem, como Jesus ressuscitou mortos, deu vista a cegos de nascença, levantou paralíticos, acalmou tempestades, transformou água em vinho, etc., etc. ?

Quem foi capaz de ressuscitar três dias depois de sua morte, para dar os testemunhos que Jesus deu da imortalidade da alma ?

Realmente Jesus é a maior das estrêlas que brilham na constelação do reino de Deus. Graças a Êle encontramos a salvação de nossas almas do lôdo da materialidade para a glória sempiterna dos tabernáculos divinos. Sem as palavras e os feitos de Jesus não estariamos preparados para receber o Paracleto de sua promessa, o Espiritismo, pois assim como João foi o precursor do Cristianismo, Jesus foi o precursor do Espiritismo, esta excelsa doutrina que tem por tarefa expôr as leis de Deus com o testemunho dos fatos e da lógica.

No próximo dia 25 a cristan-

dade festejará, como de costume, mais um natalício de Jesus. Poucos, porém, o fazem com o cérebro e o coração, numa prece de reconhecimento e gratidão pelas luzes que Jesus difundiu nas almas. Mas chegará o dia em que a humanidade, em peso, festejará essa magna data não apenas em um dia, mas a vida inteira com os seus atos de fraternidade, com as suas boas obras. Quando isso acontecer, então haverá um só rebanho e um só pastor, o rebanho a humanidade, o pastor Jesus Cristo.

Adoração dos Pastores em Belém

Festejemos, pois, o Natal de Jesus, mas não com cousas materiais, mas sim com as altas aquisições do nosso espírito no terreno do amor fraterno.

Charles Richet, membro do Instituto, professor de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Paris, um dos fundadores da Societé des Recherches Psychiques, autor de notáveis obras de fisiologia e de psicologia, afirmou : — «Quando a priori atacam o Espiritismo, não é, no fundo, por outra razão senão pela sua novidade; porque nada se pode encontrar nos fatos do Espiritismo que esteja em contradição formal com os dados estabelecidos pela ciência... A negação dêsses fatos não foi dada pela ciência, e realmente ela não pode ser dada. Eu me recuso a admitir êste argumento simples — «é impossível, porque o bom senso me diz que é impossível». Por que impossível? Quem, pois, traçou o limite do que é possível ou não? Que se reflita bem sôbre isto — tôdas as conquistas da ciência e da indústria foram, outrora, consideradas como impossíveis. Assim nenhuma contradição existe entre a ciência clássica e os fenômenos mais extraordinários do Espiritismo... Em lugar de querer ignorar o Espiritismo, os sábios devem estudá-lo. Físicos, químicos, fisiologistas, filósofos, é necessário que todos o estudem».

O Militar em face do Espiritismo

(CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS)

A Cruzada dos Militares Espíritas nasceu da vontade de um grupo de militares espíritas em afirmar pùblicamente a sua crença no Espiritismo; em viver sem dispersão e, portanto, em comunhão evangélica com as demais criaturas, assim como difundir no seio das Fôrças Armadas o amor crístico, através da divulgação dos preceitos da codificação de Allan Kardec. Esta entidade congrega elementos do Exército, da Aeronáutica, da Marinha, Fôrça Policial, Guarda Civil, Corpo de Bombeiros, etc., bem assim senhoras, civís e Reservistas de qualquer categoria.

O guia espiritual da Cruzada dos Militares Espíritas é o capitão Maurício, que foi comandante da histórica Legião Tebana, do século III. No mundo católico, é conhecido como São Maurício e festejado a 22 de setembro. Foi mártir do Cristianismo no ano 286, quando sucumbiu horrìvelmente supliciado com tôda a sua legião, composta de 6.661 soldados. Todos foram mortos por terem se negado a homenagear e adorar a falsas divindades esculpidas em barro, antes de entrarem em combate, recusando-se, dessa maneira, aos usos e costumes pagãos daquele século. Teriam que oferecer a êsses deuses sacrifícios inúteis, regados a sangue, em troca da vitória certa sobre o inimigo! Como se negassem a êsse bárbaro costume, foi tôda a Legião Tebana exterminada pelas próprias fôrças amigas de outras legiões! A tropa de Maurício não podia proceder de maneira diferente, pois, pouco antes, havia aceito a Jesus como excelso modêlo de amor, paz e vida e não de desamor, guerra e morte.

Sob as luzes do espírito do capitão Maurício foi, pois, fundada no Rio de Janeiro, no dia 10 de dezembro de 1944, a Cruzada dos Militares Espíritas, devidamente registrada em Cartório, sendo seus Estatutos publicados no «Diário Oficial» de 20-III-1952.

Seu atual presidente é o General Duque Estrada, tendo como vice-presidente o Marechal Mário Travassos, ambos figuras de relêvo no Exército e também esforçados servos da Seara de Jesus. Funcionam núcleos dessa Cruzada em todos os setores do Exército, da Aeronáutica e da Marinha, sendo que, sòmente no Exército, funcionam com regularidade 33 dêsses núcleos. O entrelaçamento espiritual, cada vez mais amplo, de confrades civís e militares, é um dos principais objetivos de seus dirigentes.

Dentro da Academia Militar de Agulhas Negras, antiga Escola Militar, e no Colégio Militar do Rio de Janeiro, existem dêsses núcleos, havendo, no âmbito da Academia Militar, um que se especializou na realização de sessões de materialização de espíritos, dirigido por oficiais e professores daquela Academia. Por isso mesmo, enquanto há anos atrás os nossos aspirantes a oficial deixavam as Escolas, orgulhosos de serem materialistas, ateus ou positivistas, hoje, graças ao bom Deus, observamos satisfeitos que existem grande número de oficiais, de professores, de sargentos, alunos e soldados estudando com amor e sinceridade a lei da Reencarnação, a lei de Causa e Efeito e a continuidade da vida. Nota-se um extraordinário despertamento espiritual, e todos se esforçam para ser também autênticos «Soldados do Cristo».

Nós bem que gostariamos de substituir nos dicionários dos povos o vocábulo MATAR pela palavra salvadora que Jesus tanto exaltava: AMAR! De momento, isso pode parecer uma tola pretensão, uma insensatez; porém, sabemos que o espírito do capitão Maurício, nosso mentor, desde há séculos atrás vem influenciando os homens para que as guerras se tornem mais humanas, até chegar-se à anulação completa das desinteligências existentes entre as nações.

De uma mensagem de Maurício, recém-recebida através da mediunidade de Hercílio Maes, destacamos alguns tópicos como êstes: —

«A nossa Cruzada não semeia sangue, porém luz e amor para todos,

sem distinção de fé, cultura, situação social ou econômica, cor ou raça; nela tomam parte civís e soldados até ao marechal».

Referindo-se aos militares, em particular, aconselha e pergunta Maurício, como se segue: —

«Quantos compreenderão a coragem de transformardes os vossos símbolos de guerra em objetivos de paz e amor? Quantos poderão alcançar o sentido íntimo de vossa renúncia aos emblemas bélicos, em troca das insígnias de submissão ao Cristo? Quantos compreenderão as vossas recusas ao brilho efêmero do mundo terreno, para confiardes na glória eterna da paz espiritual, que é também a paz universal? Arregimentai, pois, as vossas energias criadoras, como Vanguardeiros da mais comovente peleja que se há de travar, em breve, sôbre o orbe terráqueo, quando a luz do Cristo espancará as trevas do ódio, da crueldade e do egoísmo. Fustigai, isso sim, as vossas paixões inferiores, libertando-vos dos grilhões da vaidade, do amor-próprio e do orgulho! Combatei em vós os impulsos primitivos do homem-carne e sêde as sentinelas atentas e eternas do homem-Amor! A Cruz Redentora que fulgurou nos estandartes de Constantino, protetor da religião cristã, há de imprimir em vossas almas o sêlo divino do Sublime Pastor. Lançai-vos, decididos, à conquista dos corações adversários, aliando-vos às hostes defensoras do Cristianismo! O júbilo e a esperança se fazem mais vivos no Espaço quando os soldados belicosos da Terra trocam os símbolos de guerra pela mansuetude de Jesus. Aceitai por distintivo de fé, no amor a Jesus, e pela eternidade afora, a espada luzidia, sem gume!»

Assim terminou o nosso patrono a sua exortação aos militares.

Sejamos todos «cruzados» do exército de Jesus!

PAX.

General Levino Cornélio Wischral.

O Plano Divino da Evolução

Ismael Gomes Braga

NOSSA curta inteligência não poderia compreender o plano divino já traçado para a evolução da Humanidade de nosso planeta. Naturalmente êsse plano abrange os milênios futuros e conquistas do progresso que estão completamente acima da nossa capacidade de imaginar ou fantaziar.

Se compararmos o progresso realizado em um século, já perceberemos a fraqueza de nossa imaginação. Quem poderia há cem anos apenas imaginar a aviação, o telefone, o fonógrafo, o rádio, a televisão de nossos dias? E estas são apenas algumas das descobertas realizadas e postas ao alcance de todos. Muitissimas outras, de ordem mais técnica e por isto mesmo menos populares, foram realizadas nestes cem anos mais recentes e dentre estas poderíamos incluir a desagregação atômica, os foguetes teleguiados, o satélite artificial lançado com êxito em 4 de Outubro de 1957.

Se somos incapazes de compreender o Plano Divino de evolução para o porvir, no entanto há certos dados que nos permitem levantar uma pontinha do véu que nos oculta o futuro, e vislumbrar certos aspectos que em parte já estão revelados.

Um destes pontos é a formação de uma mentalidade humanitária, solidária em tôda a superfície da Terra, em oposição às divisões em raças, nações, religiões, partidos que sempre criaram flagelos para a Humanidade.

Podemos notar que estamos caminhando para isso pelas ideologias novas que estão surgindo e pela vitória da técnica contra o espaço. Pela técnica moderna todos os pontos da Terra já são acessíveis a todos os outros, num tempo quasi inapreciável. Tôdas as frontei-

ras realmente já desapareceram para as ondas hertzianas.

O homem já começa a perceber a existência da Humanidade como um todo indissolúvel. Com esta concepção da Humanidade como uma só família humana planetária, sentimos o anseio de compreensão universal e surgiu o Esperanto. As mensagens de numerosos Espíritos, por diversos médiuns, já adiantaram que o Esperanto pertence a êsse Plano Divino da evolução planetária e já venceu completamente nas esferas espirituais mais elevadas, de onde está descendo à crôsta da Terra. Sôbre isso temos excelentes informes no livro monumental «*Memórias de um Suicida*», recebido pela médium Ivonne A. Pereira, e em numerosas outras mensagens em prosa e versos recebidos por Francisco Cândido Xavier, Francisco Valdomiro Lorenz, Porto Carreiro Neto, Dolores Bacelar e outros.

O aparecimento de grandes médiuns, um pouco por toda a parte, multiplicando a fenomenologia espírita, permite-nos perceber outra conquista para o porvir: o desaparecimento absoluto do materialismo — quer com êste nome, quer com rótulos religiosos — e o estabelecimento da compreensão clara e insofismável dos princípios básicos do Espiritismo. A Humanidade futura não sofrerá mais dúvidas sôbre o seu próprio destino.

Pelo que já nos está demonstrado do Plano Divino da evolução, parece-nos que a despeito de tôdas as nossas limitações, já podemos estar certos dos seguintes princípios:

1.° A Humanidade futura formará uma só família planetária indivisível e solidária.

2.° Essa grande família possuirá uma língua comum de todos, como seu instrumento de compreensão mundial.

3.° Todos os membros dessa família planetária possuirão uma filosofia positiva, alicerçada sôbre fatos, a respeito da perpetuidade da vida e conseqüentes responsabilidades individuais e coletivas.

4.° O intercâmbio entre os encarnados e os desencarnados se tornará muito mais intenso e proveitoso do que no presente.

5.° Prevalecerá, portanto, o amor universal ensinado pelo Evangelho.

Os Espíritos encarregados de realizarem êstes cinco pontos estão a postos, nos diversos setores de atividades cientificas, filosóficas e religiosas. Os alicerces dessa magestosa construção já estão visíveis para todos nós. Quanto ao seu triunfo final, nada podemos prever porque os preconceitos reinantes são muito velhos, estão muito enraizados na alma humana, gerando automatismos negativistas que não poderão desaparecer em pouco tempo. A alegria de podermos fazer alguma coisa, ainda que muito pequena, para abreviar a realização dêstes grandes ideais, já é um rico salário para cada um de nós.

A Bíblia e o Espiritismo

J. Herculano Pires
(Presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo)

Há tempos, apareceu em São Paulo um livro intitulado «Contradições Bíblicas», que provocou certo reboliço nos meios espíritas. Houve mesmo quem temesse pelos efeitos deletérios da obra. Fui dos que não lhe atribuiram nenhum valor, entendendo que nada se podia temer de um ataque a êsse livro que representa um monumento milenar da história humana e um marco indelével na evolução espiritual da terra: a Bíblia. O tempo se incumbiu, logo mais, de provar que eu estava com a razão. O livrinho acusatório passou rapidamente ao esquecimento, e a Bíblia continuou a ser o que sempre foi.

Agora, aparece um livro melhor, escrito com mais cuidado, em bom português, analisando o problema bíblico com um pouco mais de atenção. Mas a sua posição é a mesma do anterior, sua finalidade é ainda apontar contradições no velho texto. «Da Bíblia aos nossos dias», do confrade Mário Cavalcanti de

Mello, está provocando, também, agitações no meio espírita. E não faltam os que o aplaudam, certos de que o livro demolidor tem uma grande missão a cumprir. Não obstante, aparecem os que se opõem a essa atitude anti-bíblica do confrade Cavalcanti de Mello, impedindo que a crítica ao livro milenar se generalize entre os nossos confrades pouco informados do assunto.

Sinto-me feliz de ter sido um dos primeiros a levantar a pena contra o livro do confrade Cavalcanti de Mello, e de vir mantendo com êle uma polêmica serena e fraterna em tôrno do problema, no jornal «Mundo Espírita». Penso que me cabe o dever de dar alguma contribuição para o esclarecimento de um assunto de tamanha importância doutrinária. E mais feliz ainda me sentí, quando, ao abrir o último número da «Revista Internacional do Espiritismo», encontrei o artigo do confrade Arnaldo S. Thiago, a quem não conheço pessoalmente, mas cujos trabalhos admiro há tempos, refutando as asserções um tanto quentes do confrade Victor Magaldi, que em artigo anterior elogiara a obra.

Penso que nós, espíritas, temos o dever de analisar as coisas de maneira serena e compreensiva, pois essa foi a lição de Kardec e êsse é o espírito da nossa doutrina. Sim, porque o Espiritismo não é uma doutrina dogmática, de postulados rígidos, mas uma doutrina evolutiva e amplamente compreensiva, que procura entender a vida em tôdas as suas manifestações, entendendo, portanto, o processo geral de evolução humana. Há espíritas que condenam a Psicanálise, o Darwinismo, o Existencialismo, e outras doutrinas científicas e filosóficas, numa atitude fechada de fanáticos religiosos, sem procurarem compreender a razão de ser dessas doutrinas e o que elas representam no imenso esfôrço do homem para interpretar o mundo e a vida. Há outros que condenam a Bíblia, como os há que condenam os próprios Evangelhos, e ainda os que condenam o Cristianismo, afirmando que o Espiritismo nada tem a vêr com êle. Todas essas atitudes dogmáticas discordam daquilo que chamamos o espírito da doutrina. O Espiritismo não condena: explica. E, explicando, justifica os êrros humanos, procurando corrigí-los pela compreensão e não pela coação.

No tocante à Bíblia, é o que podemos vêr em Kardec. A Bíblia é para êle um livro de grande importância histórica, pois representa a codificação da I Revelação. A seguir, vêm os Evangelhos, que são a codificação da II Revelação. E depois, como sabemos, «O Livro dos Espíritos», e as obras que o completam, formando a codificação do Espiritismo. Todo um processo histórico está representado nessa trilogia. Se o confrade Mario Cavalcanti de Mello tivesse compreendido isso, em vez de escrever um livro demolidor, aproveitaria o sugestivo título que usou, «Da Bíblia aos nossos dias», para mostrar a beleza, a harmonia e a grandeza dessa extraordinária sequência das fases evolutivas da humanidade terrena.

Citemos um trechò esclarecedor de Kardec em «A Gênese». Trata-se do número 6 do capítulo quarto: «A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não poderia hoje aceitar, e outros que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela encerra grandes e belas coisas. A alegoria ocupa, alí, considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois logo desaparece o absurdo.»

Nada se pode querer de mais claro, mais preciso e mais belo. Kardec revela a mais serena e elevada compreensão da Bíblia, e essa deve ser a nossa compreensão de espíritas em face do grande livro. O confrade Cavalcanti de Melo, que conheço e admiro, partíu de uma premissa falsa, ao escrever a sua obra de crítica bíblica. Sua intenção, cuja pureza reconheço e louvo, foi a de defender o Espiritismo contra o fanatismo bíblico. Mas mesmo nesse terreno a posição de ataque não pode surtir efeito, pois os que se apegam à Bíblia só poderão revoltar-se com a crítica ferina e impiedosa do grande livro. Partisse da idéia de que a Bíblia é a codificação da I Revelação, o livro que encerra, na sua linguagem dramática e alegórica, milenares experiências do homem na procura da Verdade e do Bem, e chegaria facilmente à conclusão de que é um livro do passado, que os Evangelhos e o Espiritismo superaram.

Não se entenda, porém, que, falando de superação, — do ponto de vista histórico, — esteja eu endossando a afirmação de que a Bíblia é objeto de museu. Não. A Bíblia, como todos os grandes textos que encerram verdades reveladas, é um monumento imperecível. Como bem disse Kardec, os que souberem levantar os véus da alegoria, encontrarão na Bíblia os mesmos e eternos princípios mais tarde esclarecidos por Jesus e pelo Espírito da Verdade. As matanças, os horrores, as imoralidades que o confrade Cavalcanti de Mello aponta na Bíblia, não são mais do que decorrências lógicas e naturais da época a que o livro se refere. E' um pouco de exagêro, por certo, querermos condenar hoje os costumes de tempos tão distantes.

Tenho dito e repetido, em meus artigos de polêmica doutrinária com os confrades da Escola de Niterói, — Imbassahy e Cavalcante de Mello, — que lhes falta perspectiva histórica no exame dos problemas religiosos do Espiritismo. E a prova disso está aí, bem clara, no livro «Da Bíblia aos nossos dias». Um pouco de perspectiva histórica teria modificado radicalmente a posição do confrade Mario Cavalcanti de Mello em face da Bíblia. Queira Deus que, no meio espírita, já tão cheio de incompreensões e confusões, êste livro fundamentalmente errado não venha criar uma nova escola, absolutamente contrária ao espírito da nossa doutrina.

CONGRESSO MUNDIAL DE ESPIRITISMO EM PARÍS

Transcrevemos do jornal «Correio da Manhã», do Rio de Janeiro, a notícia sob o título acima e os sub-títulos de «Discutidos Problemas do Além-Túmulo — A Relação do Professor Barbanell», aparecida em seu número de 20 de outubro último, com apenas um reparo, que é quando diz que o Dr. Rivail, médico de Lion, adotou o pseudônimo de Allan Kardec para não perder os clientes quando é verdade que êle nunca clinicou, devotando-se quase exclusivamente ao magistério.

A referida notícia é importante por aparecer em um jornal de larga circulação em todo o Brasil.

Ei-la:

PARIS — Do Congresso Mundial de Espiritismo, que se realizou recentemente em Paris, participaram 250 representantes de vinte países; alguns exaltados e alguns estudiosos dos fenômenos mediúnicos e outras pessoas que também se interessam pelo assunto, embora exercendo uma outra atividade normal como por exemplo, o reverendo Melvin O. Smith, pastor-protestante americano, e o inglês Lorde Dowling, marechal do Ar britânico.

Foram permitidas experiências de clarividência feitas por médium de fama mundial como o inglês David U. Bedbrook, a francesa Madame Thibaud-Leguet, a belga Madame Halleux, a holandesa Maria Van Saarra.

Do palco do salão no qual se realizou o Congresso, na séde da Sociedade «Savantes» o médium dirigia-se à platéia e, após alguns minutos de concentração, o que lhe dava um ar inspirado indispensável para impressionar os presentes, escolhia uma pessoa do público, em geral uma das muitas mulheres com mais de 50 anos que assistiam às sessões com interêsse fanático.

Receitas

Aconteceu porém que uma viúva a quem o defunto marido aconselhara através do médium, cuidar do seu figado, exclamou: «Mas eu não tenho figado doente!» — Ao que o médium prontamente retrucou: «Não faz mal. Devem-se prevenir as doenças. Aliás não sou eu que aconselho, mas é o seu marido».

Outra vez, o médium (tratava-se de Madame Halleux) disse que o defunto falava insistentemente de duas pessoas: Yvonne e Georgette, mas foi interrompido pelo sujeito, que protestou: «Nunca ouvi falar nelas!»

«Não importa — continuou imperturbável a Madame Halleux — trata-se de recordações de espírito».

Á parte êsses incidentes de pouca importância, o Congresso caracterizou-se por uma grande sèriedade. Tinha sido or-

ganizado pela «International Spiritualist Federation» de Londres, que cada três anos convoca tais reuniões. A última delas, em 1953, realizou-se em Amsterdam.

Dentre as suas diversas finalidades há a de renovar os oito membros da comissão executiva internacional da qual agora participa também o italiano Gastone De Boni, um dos mais ativos espíritas da península.

Mais difundido no Brasil

No Congresso de Paris, todavia, a Itália não foi representada por êle mas pela delegação do Grêmio «Luz in Tenebris», de Camerino, dirigido pela professôra Mara Montemaggiore, que relatou sôbre as atividades espíritas do seu país.

Ao recente Congresso foi dado um relêvo particular, pois neste ano celebra-se, como se sabe, o primeiro centenário da codificação do espiritismo. Tamanha é a importância da data que o govêrno do Brasil dedicou-lhe um sêlo postal reproduzindo a efigie de Allan Kardec, o homem que os espíritas consideram seu fundador. O Brasil, de fato, é o país onde o espiritismo é mais difundido: há três mil sociedades espíritas legalmente constituidas e os livros sôbre êsse tema alcançaram uma tiragem de quase sete milhões de cópias. Os espíritas brasileiros fundaram também duas cidades, Reincarnação e Palmelo, habitadas exclusivamente por êles.

Allan Kardec

Allan Kardec, médico de Lion, na realidade chamava-se Denizard Rivail, mas adotara o pseudônimo porque — de outro modo — perderia os clientes. Nascera de família burguesa em outubro de 1804, e completara seus estudos na Suiça. Casou e viveu em Paris, tranquilamente até os cinquenta anos quando ouviu pela primeira vez falar nas mesinhas de três pernas. Daquele dia em diante mudou de vida e esteve em constante comunhão com as «almas sobreviventes dos que moraram na Terra» e adotou o pseudônimo justamente de uma dessas almas que vivera na época druídica. Publicou muitos livros e fundou «La Revue Spírite» que ainda existe. Sua obra principal é o «Livro dos Espíritos», traduzido em tôdas as línguas e que os espíritas consideram o seu código, a lei fundamental do seu mundo sobrenatural.

O princípio no qual se baseia a legislação de Kardec é «Nascer, Morrer, Renascer e progredir sem cessar. Esta é a lei».

Casa dos Espíritas

A organização do Congresso parisiense foi confiada à «União Espírita Francesa», uma sociedade de caráter estritamente filosófico, e à «Casa dos Espíritas», que tem a tarefa da pesquisa científica e da divulgação da doutrina.

A «Casa dos Espíritas» foi fundada por Jean Meyer, sucessor de Kardec, que para instalá la — comprou um prédio, pois não encontrava casa de aluguel para a sua séde. Em 1924, comprou então o edifício número oito da Rue Copernic e organizou no primeiro andar a «Casa dos Espíritas». Todos os inquilinos dos outros apartamentos foram-se embora e sòmente mais tarde, durante a crise de habitações, é que aquêles apartamentos foram alugados a firmas em cujos escritórios os funcionários não permanecem depois das oito horas da noite.

Algumas famílias pobres moram nos últimos andares sòmente para não perder as vantagens dos aluguéis bloqueados.

Museu do além túmulo

Documentos, fotografias, cimélios foram reunidos na Casa dos Espiritas, que se tornou assim o mais importante museu do além túmulo. Mas durante a ocupação os nazistas saquearam-na e o material se perdeu. Agora só restam poucos autógrafos: uma carta de Alphonse Lamartine ao seu médico para discutir problemas da reincarnação, uma de Alexandre Dumas pai, uma de Victorien Sardou, autor também de uma peça intitulada «Spiritisme», a Allan Kardec, uma também a Kardec de Camile Flamarion quando êste era estudante de astronomia. Há velhas fotografias reproduzindo em forma obscura fenômenos de materialização, que os próprios espíritas tiraram. As paredes da Casa estão cobertas de quadros de Agostim Lesage, um mineiro que com 35 anos enquanto trabalhava no fundo de um poço ouviu uma voz que lhe disse «Um dia serás pintor».

Augustin Lesage foi de fato pintor; existem milhares de quadros seus que os espíritas se esforçam para interpretar. O autor não pode dar explicação nenhuma,

pois sustenta tê-las pintado obedecendo a uma vontade sobrenatural. Trata-se de catedrais fantásticas, uma mescla de estílos, arquitetura, escrita egípcia, elementos diversos.

Mensagem

Os espíritas consideram os quadros de Lesage como um texto que um dia revelará o mistério do Universo.

A doutrina dos espíritos — cujos problemas foram propostos no Congresso parisiense — não tem nenhuma relação com a metempsicose; prevê uma série de reencarnações destinadas a transformar a humanidade.

Entre as relações do Congresso uma das mais interessantes foi a de Maurice Barbanell relativa à vida do mundo espiritual. O autor começou afirmando que só os espíritas sabem o que acontece na vida do espírito; o que se explica pelo fato de receberem êles as suas informações diretamente dos que nela se acham.

«Tais informações — disse o orador — são bem mais satisfatórias que as suposições, as esperanças, os temores dos pastores e de todos os que se agarram às diferentes seitas religiosas, baseadas exclusivamente sôbre certas doutrinas dos teólogos, ou sôbre afirmações que se encontram nos livros chamados sagrados.

Após a Morte

Após a morte cada um de nós continuará exatamente o que era, só se terá libertado do físico. Não precisa morrer para se tornar um sêr espiritual; mas a morte vem quando a verdadeira personalidade se retrai e funciona através do ser espiritual, que é a cópia do material, sem moléstias, nem dores, nem velhice. Este é o grande consôlo que o espiritismo oferece aos doentes e aos infelizes: a enfermidade não dura após a morte; não será mais cego no além-túmulo, o que cego foi em vida, o surdo ouvirá, o mudo falará.

A vida do mundo espiritual não é um meio-sono, uma nebulosa; pelo contrário, é rica de atividade, e oferece a todos possibilidades e ocupações.

Fantasmas, etc.

Sempre na opinião de Barbanell, acreditar que os mortos durmam para sempre é um conceito errado. Estamos acostumados a considerar o mundo material algo de sólido e real enquanto a ciência demonstrou que a matéria sólida é uma ilusão e as descobertas atômicas confirmaram que só no invisível se encontram a energia e a realidade.

Alguns homens podem ter — depois da morte — um período de descanso, que lhe permite adaptar-se à nova vida e é lamentável que a maioria dos homens seja ignorante ao ponto de se perturbar ao descobrir que sobreviveram ao túmulo. Outros só despertam muitos séculos após a morte; trata-se daqueles, cuja vida espiritual teve poucas ocasiões de funcionar e frequentemente depende dêles a aparição dos fantasmas; apesar de se terem libertado do corpo físico, a falta de evolução amarra-os à terra também depois de terem chegado ao mundo do espírito.

Em geral, porém, quem morre se acostuma ràpidamente, encontra os que amou e que os precederam; as famílias se reúnem. No além-túmulo vive-se em casas, porém não de tijolos e de concreto, mas feitas de pensamentos.

No mundo espiritual os estados mentais são a realidade: de fato alguns instintos sobrevivem, como o de se vestir. Os mortos comem e bebem enquanto pensarem que necessitam disso: mais tarde, progridem espiritualmente e compreendem que não têm mais necessidades materiais.

O sábio Duclaux diretor do Instituto Pasteur, em uma conferência que fez no Instituto Geral Psicológico, há alguns anos, dizia — «Não sei se sois como eu, mas êsse mundo povoado de influências, que experimentamos sem as conhecermos, penetrado dêsse «quid» divinum que adivinhamos sem lhe aprendermos as minúcias, ah! êsse mundo do psiquismo é mais interessante do que estoutro em que até agora se encarcerou o nosso pensamento. Tratemos de abri-lo às nossas pesquisas. Há nele, por se fazerem, imensas descobertas que aproveitarão à humanidade».

A Ciência, a Serviço do Materialismo

V. O. Casella

Depois que Johann Kepler (1571-1630) e Isacc Newton (1642-1727) descobriram quatro importantes verdades da natureza, as chamadas leis da mecânica celeste, a Astronomia atingiu vantajosos progressos, levando a nossa mente aos longínquos abismos siderais.

Firmados nessas descobertas, os astrônomos pelos cálculos denunciaram astros que ainda não tinham sido revelados pelas nossas lentes telescópicas. E hoje, com o auxílio da nossa precisão industrial, e do avanço da ciência em todos os sentidos, o Homem consegue calcular e executar luas metálicas, e arremessa-las nos espaços, as quais passam a girar como satélites ao redor da Terra, obedientes às mesmas leis regentes dos astros da mecânica celeste.

Este sucesso é uma incontestável vitória da inteligência do Homem, revelando que a nossa ciência vem sempre caminhando na direção da verdade, nas pesquisas dos mistérios da majestosa obra da Criação Divina.

Como os cientistas já se acham em preparativos para outras aventuras espaciais mais profundas, procuremos aqui, expor em princípio, qual a finalidade dessas sondagens nos espaços.

Primeiramente vejamos como podem essas esferas metálicas manterem-se equilibradas no seu movimento na órbita do nosso planêta.

E' fato conhecido que cada astro possue ao seu redor um campo de atração newtoniano, cuja fôrça, à medida que se distancia do corpo atraente, diminue seu potencial no sentido do quadrado. Assim, a Terra atrai a Lua (natural), e se esta não cai sôbre o nosso planêta é porque ela está em movimento que a impulsiona no sentido de fuga. Logo compreendemos que as duas fôrças, centrípeda e centrífuga, ou seja, de atração e repulsão, equilibram-se, mantendo aquêle astro eternamente no espaço orbital terrestre.

Ora, um satélite artificial recebe um impulso para girar ao redor da Terra, obedecendo às mesmas leis que regem os astros Quer fugir e não pode porque o nosso planêta o atrai. Cair tambem não consegue porque o seu movimento de circundação o impele para fora. Nestas condições, fica estabelecido o equilíbrio.

Agora é preciso compreender que quando um satélite não ganha altura suficiente para ultrapassar os últimos limites das fronteiras exteriores da nossa atmosfera, a sua duração será de tempo limitado.

O motivo é devido êle se movimentar mergulhado nas camadas densas dos gases atmosféricos. Nestas condições, no seu trajeto, êle vae se atritando com a resistência dêsses gases, mesmo que sejam de pouca densidade, e fica prejudicado na sua marcha natural, com ameaça de desiquilíbrio na sua estabilidade. Mas nessa frenagem êle vae se aquecendo e acabará incendiando-se, encerrando assim sua existência pela volatilização.

Quanto tempo levará para que lhe aconteça êsse fim trágico? Tudo depende da intensidade do atrito com os gases da distância em que êle se achar, e da resistência do material da sua estrutura, o que constitue segredo dos seus realizadores. Assim, a sua duração poderá ser de dias, mêses, ou anos.

Se, pelo contrário, o satélite no impulso que recebe alcançar as regiões fora de qualquer influência atmosférica, o pequeno corpo artificial passará a se movimentar livre no vácuo indefinidamente. Ao primeiro satélite lançado, as previsões são incertas sôbre a sua duração, e o segundo, mais distante, acredita-se em uma existência de anos. Contudo, êsses calculos são dados com certas reservas, pois as longínquas regiões em que êles se acham, na prática ainda não são conhecidas suficientemente, para que essas previsões possam ser exatas com precisão.

Vejamos agora o que os pesquisadores esperam obter nessas explorações preliminares, visando outras sondagens mais profundas, preparando-se para um dia tentar conseguir as projetadas naves interplanetárias, em viagens a outros mundos.

Cada satélite leva em seu bojo poderoso instrumental que registra as condições das altas regiões do nosso planêta.

Um pequeno rádio-transmissor ali instalado vae nos enviando mensagens que serão captadas pelos nossos postos receptores.

De acôrdo com essas previsões os cientistas esperam receber os seguinte informes :

Radiações solares; — Como sabemos, os raios ultra-violetas, originados do Sol, seriam mortais para a nossa vida planetária. Mas felizmente êles aqui não chegam, ficando retidos nas altas camadas atmosféricas, da Terra. Este é um dos pontos importantes para saber-se como deverão proteger-se, os nossos futuros astronautas ao passarem nessas zonas onde se acham êsses perigosos raios penetrantes.

Temperatura; — O calor solar nas grandes altitudes deverá ser revelado o seu grau, assim como deverão ser conhecidos a intensidade e o calor da luz refletida pelo nosso planêta, naquelas paragens.

Densidade ; — As camadas mais exteriores da nossa atmosfera acusarão a sua densidade nas diversas profundezas, para se conhecer até em que ponto de resistência será oposta aos corpos ali mergulhados.

Gravidade; — Os satélites, no caso de sofrerem distorções nas suas trajetórias, revelarão qualquer variação gravitacional das diferentes regiões da crosta planetária.

Raios cósmicos ; — Estas invisíveis partículas bombardeiam interruptamente a Terra, em todas as direções, atravessando nosso corpo físico, infiltrando se no solo, sem prejudicar-nos. Mas elas quando aqui chegam, já não se acham com o mesmo potencial das grandes altitudes. Neste caso procura-se saber qual será a ação dêsses raios, sôbre as células animais, naquelas zonas onde essas partículas chegam em estado primário.

Meteóritos; — Os impactos destas pedras dos céus serão registrados seu potencial, quantidade, e o perigo que elas possam oferecer aos planos dos nossos pesquisadores. Aqui na Terra tem nos chegado alguns dêsses mensageiros dos espaços, com enorme pêso. Citemos apenas dois: O de Bandegó, Bahia, com mais de 5.000 quilos; e o da Sibéria, avaliado em mil toneladas.

Além dêsses informes acima descritos, naturalmente outros deverão ser colhidos, e nem todos virão a público, pois há questões que ficarão restritas entre as autoridades militares.

Se os cientistas prosseguirem com sucesso nos seus intentos, talvez será lançado um satélite de grandes proporções, para servir de trampolim para o projetado salto do Homem à Lua. E quem sabe se em futuro não muito distante o homem ainda realizará o seu fantástico sonho de viagens para Marte, Vênus, ou outros mundos semeados pelos espaços.

E aqui deixamos êstes informes sôbre o lançamento de satélites artificiais, mas antes de finalizarmos vamos comentar alguma coisa sôbre quais as vantagens que a humanidade poderia obter espiritualmente com êsses avanços da ciência.

Na realidade seria injustiça não reconhecermos a grandeza da inteligência do Homem no domínio das fôrças da natureza. Mas infelizmente, êsses sucessos dos nossos pesquisadores vem se sugeitando ao capricho das classes intelectuais intoxicadas pelo Materialismo, predominante sôbre os povos.

Assim, se essas realizações nos beneficiam no campo físico-químico, em troca pagamos aos seus exploradores pesado tributo lutuoso no seu emprego para fins belicosos.

Ora, para que pudessemos desfrutar com vantagens e alegria os benefícios da ciência seria necessário que ela fôsse iluminada pela espiritualidade, nos auxiliando a debelar a causa íntima dos nossos problemas da alma, até agora insolúvel no seio da humanidade.

Esta tarefa cabe às doutrinas espiritualistas levar a luz evangélica nos meios intelectuais que estão com as chaves dos poderes nas mãos. Mas não será com pregações de simplicidade religiosa que poderemos demover dos seus propósitos êsse Materialismo enrigecido. Nem tão pouco à custa de golpes verbais ou escritos, despidos de raciocínio lógico. E não acreditamos com absolutismo na separação de bons e maus, para esquerda e direita no sentido físico em um juizo final, porque à evolução é contrária aos efeitos da com pulsoriedade.

O trabalho deverá ser de esclarecimentos, dentro de elevado padrão de cultura, já que os métodos atuais de simplicidade não puderam seguir paralelos com a marcha da evolução acadêmica, do Homem moderno.

Se os homens das cavernas chegaram na fase atual, após milhares de anos evolutivos, daqui por diante a evolução

continuará na mesma ordem, obedecendo sempre a mesma lei que libertará o espírito dos elos da carne. Se houver hecatombes bélicas ou cósmicas, seremos nós mesmos que teremos de emergir das suas cinzas, para continuação do curso planetário, embora o ressurgimento possa beneficiar ou castigar cada qual com o estado de alma que poderá merecer. A colheita deverá ser feita no mesmo plano de semeadura.

Fora dêsses conceitos implica na crença do milagre do dogma, e seria muita pretensão para que os espiritualistas, apenas por crerem em Deus, já se julgarem dignos de uma salvação final compulsória, quando o prêmio deverá ser conferido no fim da etapa, da sublimidade, talvez ainda longínqua.

Urge ganharmos tempo seguindo no encalço da intelectualidade sem Deus que se distancia, para que o saber e o espiritualismo unidos, redimam o nosso educandário terrestre, colocando-o em plano mais elevado de paz, justiça e amor.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. São Paulo

Sêres Humanos Sem Cérebro

Cícero Pimentel

Notícias procedentes de Belém do Pará (1) informam que no Hospital da Santa Casa local foi examinada uma criança com 49 dias, de cuja cavidade craniana foi extraído 600 cm3 de líquido aquoso; em seguida injetou-se ar no interior da cabeça para facilitar uma chapa de raios X, e então os médicos constataram, com surprêsa, que a criança não tinha cérebro. Os médicos locais afirmam que a criança falecerá, mas o garoto está vivendo, chorando e amamentando-se normalmente.

Trata-se, ao que parece, de um caso raro de ausência de cérebro em recem-nascido, pois êsse curioso fato não é raro entre pessoas adultas com doença na cabeça. De qualquer modo, tanto um como o outro fenômeno interessam à ciência médica oficial, para efeito de estudos, e à ciência espírita e metapsíquica. Especialmente, os médicos e sábios espíritas valem-se dêsse caso para provar à ciência oficial que o pensamento não é função do cérebro, e que além do cérebro há alguma coisa mais, de natureza fluídica, invisível aos olhos humanos, mas que pode ser provada pelos seus efeitos.

É sabido que o cérebro é uma massa nervosa, de importância fundamental para a vida do ser humano, pois é a séde das sensações e dos movimentos involuntários. A ciência do nosso século admite que não pode um sêr viver sem cérebro. Apesar dessa afirmação categórica, há alguns casos que provam a existência de homens com o cérebro parcial ou totalmente destruido. Vários dêsses casos foram transcritos e discutidos por Geley (2), Bozzano (3) e C. Imbassahy (4), magnìficamente, no meio espírita.

Vale a pena citar dois casos entre os vários comunicados pelos autores acima citados:

1.°) Comunicação do dr. Perrier à Academia de Ciências de Paris (5): «Trata-se de um indivíduo de 62 anos. e que em consequência de ligeira ferida na região occipital, apresentou algumas perturbações visuais, entretanto, nenhum sintôma alarmante, nem paralisía, nem convulsões se produziram. Os outros sentidos se conservaram em seu estado normal. No fim de um ano, o doente sucumbiu bruscamente, depois de um ataque epiléptico. Na autópsia, verificou-se que o cérebro dêsse homem se apresentava sob a forma de uma casca delgada que, com uma incisão, dava saída a uma enorme quantidade de pus».

2.°) Comunicação do dr. Huschland, (6): «Numa pessoa doente, havia muito tempo, e que até os últimos momentos não dera sinais de qualquer doença cerebral, embora estivesse atacada de paralisía, quando foi autopsiada, encontraram-lhe o cérebro semelhante a uma caixa cheia de água. Nenhum traço de massa encefálica, nem adiante, nem atrás, nem em parte alguma do cérebro. Todavia, o indivíduo conservou as faculdades

mentais até os derradeiros minutos de vida».

Finalizamos com as sábias conclusões de Bozzano (7) a respeito deste assunto: «Em outras palavras, tudo leva a demonstrar a existência de um cérebro etéreo imanente no cérebro físico, e portanto a existência de um corpo etéreo imanente no corpo somático». «Uma vez admitida a existência de um cérebro etéreo, base da consciência individual, é fácil explicar a existência de homens que pensam sem cérebo. Com efeito, pode se lògicamente pressupor que, em certas circunstâncias de sintonização especial entre o cérebro e o espírito êste pode prescindir parcial ou completamente de seu órgão de relação terrestre».

Resumo (en Esperanto)

La autoro citas kelkajn kazojn de homa vivo sen cerbo; unu kazo en Brazilo en infaneto (49-taga); post operacio (forigo de akva produkto el la cerbo), la X-radioj montris ke li estis sencerba. Tiuj fenomenoj pruvas: ke en specialaj cirkonstancoj homo povas pensi sen cerbo, ke ekzistas krom materia cerbo, etera cerbo (nevidebla). Oni vidu detalojn en la verko de Bozzano (3), de Geley (2) kaj Imbassahy (4) pri tiu temo.

FONTES CONSULTADAS

1) «Estado de S. Paulo» de 13-10-1957 (jornal).

2) «Del inconsciente al consciente» (ed. Constancia), B. Aires, 1947 p. 118.

3) «Cerebro y pensamiento» (ed. Kier), B. Aires, 1944 p. 19.

4) «Corpo e espírito» (ed. LAKE) S. Paulo, 1946 p. 119.

5) «Annales des Sciences Psychiques», 1914 p. 29 (seg. Bozzano, ver 3).

6) «Journal de Médicine pratique», out. 1938 (seg. Imbassahy, ver 4).

7) Obra citada em 3 p. 21/22.

S. André, 26-10-1957.

Carta Aberta

Professor ARNALDO S. THIAGO,

Revista Internacional do Espiritismo.

Carissimo irmão e venerável confrade:

Paz e luz crescentes em Jesus.

Acabo de regressar de Juiz de Fora, onde tive a agradável surprêsa de ler o n. 9 do corrente ano da Revista Internacional do Espiritismo, *êsse holofote potente de cultura espírita levantado em Matão pelo colega Cairbar Schutel para projetar no Brasil as luzes da 3.ª Revelação. Deparei nas suas págs. 192 a 195 com o seu artigo lapidar —* Da Bíblia aos Nossos Dias, *cheio de expressões muito lisongeiras a meu respeito, relativas ao comentário por mim feito ao livro do erudito confrade Mário Cavalcanti, de igual título, comentário publicado na Revista em 15 de Agosto p. p. E agradeço-lhe, realmente sensibilizado, a distinção que seu artigo confere a êste velho amigo e exaltado admirador de suas invulgares qualidades de cultor, praticante e propagandista, cintilante e abnegado, da Doutrina Espírita, que tanto nos seduz e satisfaz integralmente. Principalmente o cativante tom de intimidade com que me trata, no referido artigo, deixou-me desmedida comoção.*

Muito obrigado, por tudo isso.

Entretanto, quero deixar bem claro que não me move o mínimo propósito de ser um «espírita detrator da Bíblia», livro que teve a sua época e hoje perdeu a sua autoridade divina, devido aos «êrros que encerra e que estão hoje demonstrados até à evidência» — expressões de Allan Kardec, no trecho citado pelo queridíssimo amigo, embora continue servindo de base histórica para o estudo de religiões. Outras expressões de Allan Kardec, ainda fazem parte da citação feita pelo ilustrado e venerando amigo no seu luminoso artigo, que me autorizam a qualificar a Bíblia como caduca. *Esta, para exemplo: «A Bíblia contém* evidentemente *fatos que a* razão, desenvolvida pela ciência, não poderia hoje aceitar, *e outros que parecem estranhos e* repugnam, *por isso que se relacionam a cos-*

tumes que não mais são nossos». (A Gênese, cap. IV).

Se me julgasse incluso no número de «todos os detratores da Bíblia», não teria nenhum constrangimento, e até o faria com grande prazer, em atender ao amável e «fraterno apêlo, em nome de Jesus» formulado pelo mui diléto mestre e confrade, a quem jamais, desde a primeira hora do nosso reencontro, deixei de admirar e querer, apêlo «para cessar êsse trabalho demolidor, de tão más consequências».

Todavia, a verdade é que eu também julgo ser um crime demolir a Bíblia, que serviu, vem servindo e ainda servirá para reforma de milhões de criaturas, conduzindo-as para planos espirituais mais nobres. O que desejo é a preferência dos espíritas para os livros espíritas, como os de Kardec, de Leon Denis, de Delanne, de Flammarion, de Aksakof, de Bozzano etc., como base de suas conferências, palestras e perorações doutrinárias; ao mesmo tempo que almejo esclarecer os confrades iniciantes, menos avisados, sôbre os êrros, «que a razão, desenvolvida pela ciência, não pode aceitar», *contidos na Bíblia.*

Nada de detrator; apenas esclarecer. E muito menos insultar, quem quer que seja, sobretudo eminentes amigos e confrades de minha veneração, por terem opinião diferente da minha. Os espíritas estudiosos, como o meu respeitável e prezadíssimo amigo e preclaro coidealista professor Arnaldo S. Thiago, que me perdôem esta opinião, se dela discordam. Não hão de querer que êste seu amigo e irmão deixe de usar de franqueza, quando escreve ou fala. O que penso é o que digo; penso-o e digo-o baseado em conhecimentos comprovados, que satisfazem a minha razão. E quanto à Bíblia, por isso mesmo, julgo ser um livro caduco, *que já cumpriu a sua missão, para parte da humanidade ocidental, não tendo sinão o mérito histórico para essa parte da humanidade, na qual inclúo os espíritas.*

Reconheço o direito de pensarem e dizerem o contrário a todos quantos, como eu, o façam sob a mesma base de conhecimentos que igualmente lhes satisfaçam a razão. Nem por isso deixarei de amá-los menos.

Ao professor Arnaldo S. Thiago, um dos amigos que mais venero,

Um grande abraço do «fan» vetusto,

Aleixo Victor Magaldi.

Volta Redonda, 2-XI-957.

MAIS UM COLABORADOR...

ÊRCA de 1929, depois de uma bela jornada pelos meandros do presbiterianismo, voltei as minhas vistas para o *Espiritismo*. Nunca fui católico apostólico romano, apesar de ter nascido em família puramente católica. No protestantismo, tomei contacto pela primeira vez, com o livro sagrado, onde comecei a ler os sublimes ensinamentos do Mestre Jesus, principalmente, em Lucas, o Apóstolo por mim preferido e no dinamismo de Saulo metamorfoseado em Paulo, o *combatente do bom combate* e, o célebre João, o Evangelista das profecias Apocalípticas.

Li, decorei capítulos e versículos, assimilei alguma coisa, melhorando os meus princípios e sentimentos um tanto nômades.

Como dizia, encontrei o Espiritismo, Doutrina por excelência de transformação moral. Aliei-me a ela de alma e coração.

Senti os seus primeiros efeitos na indicação reta e impecável do «amai-vos uns aos outros como vos amei» dito pelo Mestre Jesus e na afirmação do Snr. Kardec «Fóra da caridade não há salvação» ou ainda quando hasteia a bandeira do TRABALHO, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA...

Não só li, como estudei essa doutrina através do snr. Kardec, como também assimilei os seus preceitos em tudo quanto me foi possível. Gostei tanto que embriaguei-me, pela nova doutrina surgida em meu caminho.

Continuando a estudar e, no decorrer dos tempos fui encontrando novos colaboradores. Foi assim que admirei o maior em meu vêr dos companheiros do snr. Kardec, na iluminada pena de Leon Denis, o qual nos concita:

«Tenha por templo o Universo,
Por imagem Deus,
Por altar a consciência,
E por lei a caridade.»

Prosseguindo na apreciação dos colaboradores do snr., Kardec, em Delane, Richet o pesquizador, Flammarion, Aksakof, Conan Doyle, Bozzano e muitos outros estrangeiros, aqui na Terra do Cruzeiro, vimos Bezerra de Menezes — chamemô-lo «o destemido», «desbravador», Cairbar Schutel, Leopoldo Cirne, Leopoldo Machado, o valoroso Guilon Ribeiro e mais outros formando uma Plêiade de incansáveis e abnegados trabalhadores, aos quais, *de joelhos*, presto o meu mais humilde preito de gratidão e simpatia.

O tempo corre célere. Aprendendo com êsses Mestres lentamente estou espetando o dragão íntimo. A esta altura quasi imitando São Jorge, estou matando o bicho íntimo com a séta de platina, com o aprendizado cristão. Enquanto o bicho gême, vasa para fora dêle o venêno ignominioso da inveja, do orgulho, do ódio, da vingança, da hipocrisia, da indignidade de tôda sorte, expulsa pela lâmina do amor, do perdão, da fraternidade, aplicando em seguida o antibiótico especifico para completar o trabalho de assèpcia, conseguindo, o afastamento dos vírus que ainda persistem na colaboração com o imperfeito, com a maldade...

Mais tarde, como complemento do que anunciára Jesus sôbre a transplantação de sua árvore para a *Terra da Emancipação Divina*, o *Brasil*, vamos encontrar um Chico Xavier, um *MEDIANEIRO*, com bagagem de velho aprendiz de Cristo, recebendo as formidáveis comunicações de Emanuel, hoje enfeixadas nos melhores livros de ensinamentos evangélicos. Não só o Emanuel, o Chico é como que uma colmeia. Os espíritos encontraram nêle a verdadeira afinidade e daí, o aparecimento de André Luiz, Humberto de Campos, Neio Lúcio, e todos aquêles que escreveram «Parnáso de Além Túmulo», eu costumo dizer muitas vêzes que o «NOSSO LAR» descrito por André Luiz, inicia-se sôbre a cabeça de Chico e seus companheiros e se alastra por tôda aquela região de Pedro Leopoldo indo até os confins do Ministério da União Divina, tendo como recrutador o venerando Clarêncio.

O interessante é que dentre muitos médiuns que vem colaborando na Escola do Mestre, Fernando de Lacerda, Amália Soler, Ivone Pereira, se destacam sôbre o gênero de comunicações que recebem com a sua sublime originalidade. Cada Um com um característico específico: Surge agora, mais uma preciosidade no setor de nosso aprendizado Crístico, trata-se de Hercílio Maes, o médium do Instrutor Sideral, Ramatís.

Êsse espírito, Ramatís, digamos sinceramente, pertence a uma missão, com grandes afazeres na Seara de Jesus, nêsse fim de ciclo e século. Por isso, sua palavra incisiva, penetrante, porém leal e sincera, indica sem rodeios o caminho a seguir para os que desejarem ser os escolhidos dentre os chamados.

Ainda ontem, lendo o Livro dos Médiuns, do nosso codificador, Snr. Kardec, fui chamado à atenção pelos n.°s 300 e 301 dêsse Dicionário Espirítico, por estar em consonância com o momento de seleção, quando fala o Mestre Jesus: «Pelo fruto se conhece a árvore, a árvore má dá maus frutos e a árvore boa dá bons frutos.

Ramatís, em setor analístico e filosófico dessa derradeira oportunidade nêsse ciclo, não só fala com *autoridade* como também doutrina com clarêza. Êle é uma das vigas cristãs dêsse final de século. Com todos êsses grandes colaboradores a nos concitar para o bem e para o AMOR, só aos que não querem ouvir ou não querem vêr estará a última frase do Mestre Jesus, quando sentencia: no fim dos séculos separarei as minhas ovelhas dos cabritos, aquelas para a direita e estas para a esquerda, estas lança-las-ei às trevas exteriores onde haverá chôro e ranger de dentes.

E assim, procuraremos ser escolhidos dentre os chamados. Com o cérebro para discernir e coração para decidir.

Rodolfo dos Santos Ferreira.

São Paulo, 15 de novembro de 1957.

A Ressurreição

BIANÔR MEDEIROS

I. — Um dos temas fundamentais e de maior repercussão na vida espiritual é a ressurreição. O assunto era pouco conhecido e discutido e sòmente agora começa a clarear para os homens, na Terra.

A Revelação Espiritual sôbre a vida dos espíritos desencarnados é lenta e gradativa, de acôrdo com o progresso humano. É o que se verifica com a idéia de ressurreição dos espíritos dos mortos. A idéia surge vaga, indecisa, imprecisa com o Velho Testamento e assim continúa por 1.500 anos, do advento do Judaismo ao advento do Cristianismo, com o Novo Testamento, quando fica melhor esclarecida. Continúa ainda meia nebulosa até o advento do Espiritismo, em 1.857, quando toma forma. Afinal, resplandesce clara e plenamente com André Luiz, Obreiros da Vida Eterna, por volta de 1.945, após 3.445 anos de vida.

Assim, sôbre êste assunto, como sôbre muitos outros, a Bíblia é por demais sintética, imprecisa e confusa, necessitando das luzes do Espiritismo que ensina tôda a verdade, completando os seus ensinamentos.

II. — Para elucidar bem o problema, lembremos que o homem é composto de três elementos distintos: 1)—a mente; 2) — o corpo espiritual também conhecido por corpo celeste, perispírito e duplo astral; 3) — o corpo físico, de carne, sangue e osso, todos integrando, harmônicamente, a personalidade humana. O corpo espiritual é, em tudo, semelhante ao corpo físico, com os mesmos órgãos e necessidades fisiológicas, sujeito às mesmas vicissitudes, doenças, saúde, cura e tratamento e liberdade de locomoção, para os espíritos ainda inferiores, do nosso plano espiritual.

Chama-se alma ou espírito a mente unida ao corpo espiritual, formando um só indivíduo. Quando o espírito atinge a perfeição espiritual perde o corpo celeste, persistindo tão sòmente a mente que toma a forma de um fóco luminoso, de uma châma, de nuvem luminosa, de um clarão, de um sol. O espírito, quando desencarnado, toma o nome genérico de anjo, se é um bom espírito e diabo, satanás, demônio, fantasma, espírito das trévas, espírito imundo, lobishomem se é espírito sofredor ou mau espírito. É de se notar que a Vulgata traduz luz por fogo e espírito desencarnado por anjo.

III. — As palavras dizem muito para os estudiosos, por isto a significação etmológica primitiva dos vocábulos como a sua significação figurada atual são muito úteis. Ressurreição é palavra de origem latina que deu ressurreição em português, resurrezione em italiano, resurreccion em espanhol ou castelhano, resurrection em francês e resurrection em inglês.

1). — Ressurreição em grego é «Anabiosis», anabióse. Anabióse é uma palavra composta de dois elementos: ana, que sigfica repetição, volta, retorno. Bios significa vida. Assim, anabióse significa voltar à vida para quem a tinha perdido.

2). — Em português, ressurreição, substantivo feminino, significa: ato ou efeito de ressurgir, volta à vida. Vida nova (Antenor Nascentes – Diocionário Básico).

3). — Para Francisco Fernandes, Dicionário de Sinônimos e Antônimos, ressurreição é ressurgimento, restabelecimento, renovação.

4). — A palavra portuguêsa «ressurreição» veio do latim — «resurrectio, resurrectionis», substantivo feminino da terceira declinação, consoante nos ensina o douto Felix Gaffiot — Dictionaire Ilustré Latin Français.

5). — A palavra latina «resurrectio» originou-se do verbo latino: Resurge, resurgis, resurrexi, resurrectum, resurgére, intransitivo, da terceira conjugação, com a significação de: tornar a erguer, levantar se de novo (Livio); renascer, rebentar de novo a árvore (Plinio); restabelecer-se (Ovidio), consoante nos ensina Cretella Junior — Dicionário Latim-Português, 3.ª edição.

6). — O grande Forcellini, Lexicon Totius Latinitatis, ensina por sua vez: Resurrectio, resurrectionis, s. f. 3 resurrezione, actus resurgendi, reditus in vitam. Ressurreição, para o grande e genial latinista italiano, significa ato de ressurgir, volta à vida.

IV. — Morte é cessação completa e definitiva da vida, na concepção vulgar e comum do povo. Sob o ponto de vista espiritual, químico ou científico a morte é análise, decomposição do todo em seus elementos componentes para a síntese, a constituição de novos corpos, de novas formas diferentes da anterior, pois a vida é renovação constante, transformação contínua, progresso permanente sob o influxo de fôrças vivas e eternas que criam e renovam sempre. Essas fôrças são o pensamento Divino, o Poder do Altíssimo, a Vontade do Senhor, que, em virtude de sua regularidade permanente, constitue ordem, disciplina, leis imutáveis e universais.

V. — Por falta de maiores esclarecimentos da Bíblia sôbre o assunto, três teorias diferentes surgiram, com o tempo, para explicá-lo, demonstrando, assim, a nossa ignorância sôbre o fato:

1). — a materialista ou negativista: no túmulo acabam o corpo e a alma. A morte do corpo é o fim do homem, a cessação completa e definitiva da vida. Para os que assim pensam, a alma é a vida orgânica.

2). — para a cultura grego-romana, católica, o cemitério é um dormitório, onde o homem (alma e corpo) fica dormindo até o juizo final, quando ressuscita para o grande julgamento. Para os que assim pensam, católicos e protestantes, os espíritos dos mortos, por estarem dormindo, não podem se locomover, movimentar, falar, comunicar-se com os homens na Terra. Por isto, só o diabo pode falar nas sessões espíritas, pois o diabo nunca se reincarnou na Terra, por ter sido expulso do Céu, como simples anjo rebelado contra a Divindade.

3).—Para o Judeu existe no homem um espírito imortal que anima o corpo físico, mas a morte não existe, a alma não morre, o espírito é imperecível. Por isto o judeu chama o nosso cemitério de Casa dos Vivos — Beth hah Chain. Entretanto, o judeu não explica o que seja a ressurreição, limitando-se a indicar a existência do fato. Sòmente o Espiritismo veio esclarecer o fenômeno da morte e da ressurreição, satifastòriamente. Mesmo Allan Kardec, no Livro dos Espíritos, capítulo III, n. 155 nos dá uma notícia incompleta sôbre o assunto. Entretanto, sòmente André Luiz, em Obreiros da Vida Eterna, no Brasil, esclarece o assunto perfeitamente, sem pairar qualquer dúvida sôbre o mesmo.

VI.—Na verdade não há dois casos iguais de desencarne, isto é, de morte e ressurreição. Cada um de nós tem a sua própria morte e a sua ressurreição própria, de acôrdo com a situação personalissima de cada um. Não se pode comparar a situação de um sábio, um grande benfeitor humano, com a situação de um ignorante, que nada fez em benefício dos outros, como não se pode comparar a situação de um santo com a de um criminoso vulgar, um pecador reincidente especifico. Jesus certamente não morreu, nem ressuscitou como qualquer um do povo. Tudo depende da categoria do espírito: superior, médio, inferior.

VII. — A Ressurreição e o Velho Testamento:

1. — *Gênesis, II, 7:* «O Senhor Deus formou, pois, o homem, de barro da terra e inspirou no seu rosto um sopro de vida e o homem tornou-se alma vivente».

2. — *Gênesis, III, 19:* «Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra, de que foste formado; porque tú és pó e em pó te tornarás».

3.—*Gênesis, VI, 17:* «Eis que eu vou trazer o dilúvio de águas sôbre a Terra para fazer perecer debaixo do céu tôda a carne em que há espírito de vida, tudo que há na terra perecerá».

4. — *Genêsis, VII, 15:* «Entraram a Noé, na arca, a dois e dois, de tôda a carne, em que havia espírito de vida».

5. — *Gênesis, XVIII, 27:* «E respondendo Abrahão disse: Uma vez que comecei, falarei ao meu Senhor, ainda que eu seja pó e cinza».

6. — *Exodo, III, 6:* «Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abrahão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob».

7. — *Job, XXXII, 8:* «Há um espírito no homem».

8. — *Isaias, XXVI, 19:* «Os teus mortos viverão; os meus cadaveres ressuscitarão. Despertai e cantai, vós os que habitam no pó; porque o teu orvalho é como o orvalho das ervas e a terra lançará de si os mortos».

9. — *Daniel, XII, 2:* «Muitos dos

que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna e outros para a vergonha e confusão sempiterna, (reincarnação)».

VIII. — A Ressurreição e o Novo Testamento;

1.—Mateus, XX, 23, 29, 30: «Naquele dia vieram a êle os saduceus, que dizem não haver ressurreição e lhe fizeram esta pergunta:

«E respondendo Jesus lhes disse: Errais, não sabendo as escrituras, nem o o poder de Deus. Porque depois da ressurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres; mas serão como os anjos de Deus nos céus».

2. — Mateus, XX, 31, 32: «E sôbre a ressurreição dos mortos, vós não tendes lido o que Deus disse, falando convosco: Eu sou o Deus de Abrahão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas de vivos». (Quando Deus falou a Moisés na sarça de fogo, Abrahão, Isaac e Jacob já eram falecidos há muito tempo).

3.—Marcos, XII, 18, 24, 25, 26, 27: «E vieram a êle os saduceus, que negam a ressurreição:

«E respondendo Jesus lhes disse: Não vêdes que por isso errais, porque não compreendeis as escrituras nem o poder de Deus? Porque quando ressuscitarem dentre os mortos, não hão de os homens ter mulheres, nem as mulheres homens, mas todos serão como os anjos nos céus. E dos mortos que teem de ressuscitar, não haveis lido no livro de Moisés, como Deus lhes falou sôbre a Sarça, dizendo: Eu sou o Deus de Abrahão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob? Êle não é Deus de mortos, senão de vivos. Logo estais vós em grande êrro».

4. — João, V, 29: «E os que obrarem bem sairão para a ressurreição da vida, mas os que obrarem mal sairão ressuscitados para a condenação». (condenação — reincarnação).

5. — João, V, 24: «Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não incorre na condenação», «mas passou da morte para a vida».

6.—João, V, 25: «Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão».

7. — João, V, 28: «Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus».

8.—João, XI, 25, 26: «Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; o que crê em mim, ainda que esteja morto viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente».

9. — Lucas, XXIV, 5, 6, 7: «Porque buscais entre os mortos ao que vive? Êle não está aquí mas ressuscitou; lembrai-vos do que Êle vos declarou quando ainda estava na Galiléia, dizendo: Importa que o Filho do homem seja entregue nas mãos dos homens pecadores e que seja crucificado e que ressuscite ao terceiro dia?».

10. — Atos, IV, 2: «Doendo-se de que êles ensinassem o povo e de que anunciassem na pessoa de Jesus a ressurreição dos mortos».

11. Atos, IV, 10: «Seja notório a todos vós e a todo o povo de Israel, que em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo Nazareno, a quem vós crucificastes, a quem Deus ressuscitou dos mortos, no tal nome que digo, é que este se acha em pé diante de vós, já são». (Pedro).

12.—Atos, XXVI, 23: «Que Cristo havia de padecer, que seria o primeiro da ressurreição dos mortos, para anunciar a luz ao povo e as gentes».

13. Apocalípse, XX, 5, 6: «Os outros mortos não tornarão à vida até que sejam cumpridos os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bemaventurado e santo aquêle que tem parte na primeira ressurreição; a segunda morte não tem poder sôbre êle; mas antes serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com êle mil anos».

14. — João, VI, 63: «O espírito é que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e vida».

IX.—A Ressurreição e Allan Kardec:

1. — Allan Kardec, Livro dos Espíri-

tos, capítulo III, n. 155, intitulado: Da Volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual:

«Como se opera a separação da alma e do corpo? Rotos os laços que a retinham, ela se desprende. A alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente à liberdade... Aquêles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o espírito se solta aos poucos dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram».

Ao desencarnar o espírito fica mais ou menos perturbado, por algum tempo, e a maioria dêles é submetida a demorado tratamento da saúde mental e perispiritual, em Instituições especializadas em tal assunto.

X. — A Ressurreição e André Luiz:

1. — Obreiros da Vida Eterna, capítulos XIII a XV, intitulado Companheiro Libertado, fls. 200/240, descreve pormenorizadamente a morte e libertação do médium Dimas, um bom espírito.

«Noutro tempo, André, os antigos acreditavam que entidades mitológicas cortavam os fios da vida humana. Nós somos parças autênticas, efetuando semelhante operação...

«Segundo você sabe, há três regiões orgânicas fundamentais que demandam estremo cuidado nos serviços de liberação da alma: o centro vegetativo, ligado ao ventre, como séde das manifestações fisiológicas; o centro emocional, zona dos sentimentos e desejos; sediado no torax, e o centro mental, o mais importante por excelência, situado no cérebro». (fls. 210/211).

«Aconselhando-me cautela na ministração de energias magnéticas à mente do moribundo, começou a operar sôbre o plexo solar, desatando laços que localizavam fôrças físicas. Com espanto, notei que substância leitosa, em regular quantidade, extravasava do umbigo, pairando em torno. Esticavam-se os membros inferiores, com sintômas de esfriamento.

«Jerônimo, com passes concentrados sôbre o torax, relaxou os elos que mantinham a coesão celular no centro emotivo, operando sôbre determinado ponto do coração, que passou a funcionar como bomba mecânica, desreguladamente. Nova cota de substância desprendia do corpo, do epigastro à garganta, mas reparei que todos os músculos trabalhavam fortemente contra a partida da alma, opondo-se à libertação das fôrças motrizes, em esfôrço desesperado, ocasionando angustiosa aflição ao paciente». (fls. 211).

«O assistente estabeleceu reduzido tempo de descanso, mas volveu a intervir no cérebro. Era a última etapa. Concentrando todo o seu potencial na fossa romboidal, Jerônimo quebrou alguma coisa que não pude perceber com minúcias e brilhante châma violeta dourada desligou-se da região craniana, absorvendo, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada.

«Quís fitar a brilhante luz, mas confesso que era difícil fitá-la, com rigor. Em breves instantes, porém, notei que as fôrças em exame eram dotadas de movimento plasticizante. A châma mencionada transformou-se em maravilhosa cabeça, em tudo idêntica à do novo amigo em desencarnação, constituindo-se, após ela, todo o corpo perispiritual de Dimas, membro por membro, traço por traço. E à medida que o novo organismo ressurgia ao nosso olhar, a luz violeta-dourada, fulgurante no cérebro, empaledecia gradualmente, até desaparecer, de todo, como se representasse o conjunto dos princípios superiores da personalidade, momentaneamente recolhidos a um único ponto, espraiando-se em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispiritual, assegurando, dêsse modo, a coesão dos diferentes átomos das novas dimensões vibratórias. Dimas desencarnado elevou-se alguns palmos acima de Dimas cadáver, apenas ligado ao corpo através de leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto». (fls. 227).

«Tive a nítida impressão de que, através do cordão fluídico, do cérebro morto ao cérebro vivo, o desencarnado absorvia os princípios vitais restantes do corpo fisiológico». (fls. 227).

«Jerônimo, examinou-o como clínico experimentado. Em seguida, cortou o liame final, verificando-se que Dimas, desencarnado, fazia agora o esfôrço de convalescente ao despertar, estremunhado, findo longo sono». (fls. 227).

XI. — Assim, depois da descrição ma-

gistral e pormenorizada de um desencarne, podemos definir a ressurreição como sendo o desligamento oportuno do corpo espiritual do seu corpo físico, pelo rompimento dos vínculos fluídicos que os uniam, por intermédio dos espíritos superiores. Êsse trabalho, que é de especialização, dura de uma a vinte e quatro horas, conforme o caso. Uma vez desligado o corpo espiritual do corpo físico, fica livre o espírito que, na nomenclatura bíblica passa a ser chamado de «anjo». Como anjo que passa a ser, é livre, anda, pensa, sente, fala, ri, chora, alegra-se, sofre, ama, odeia, de acôrdo com sua categoria espiritual. Locomove-se, comunica-se com os homens, através dos dons espirituais, fala e ouve perfeitamente, como se fôra um homem. Os espíritos dos mortos, como anjos que são, desde que tenham evolução espiritual superior, podem ser designados pelos seus superiores hierárquicos para transmitirem mensagens espirituais aos homens de boa vontade, como Gabriel fez com Zacarias, no Templo e com Maria, em sua casa, anunciando o nascimento de João Batista e de Jesus. O mesmo se deu com Moisés e com Elias, na Transfiguração de Jesus, no monte Tabôr, quando apareceram identificados e falaram com o Divino Mestre sôbre a sua passagem em Jerusalém. Duas coisas devemos salientar ainda: 1) — a identidade que os espíritos dos mortos conservam de si mesmos durante a vida espiritual de além túmulo, como Moisés e Elias que são chamados pelos próprios nomes; 2) — o trabalho que dá o homem para desencarnar, isto é, para morrer e ressuscitar, exigindo a colaboração de muitos, como para nascer. Assim, a ressurreição não é um fato simples, como parece, mas é complexo e demorado. Por isto, não há morte nem ressurreição, mas mudança de situação, de compreensão, de vida, de plano. Pela morte do corpo físico, o espírito é lançado para frente, compelido pela vontade do Altíssimo a recomeçar de novo, em situação diversa, glorificando a eternidade triunfante.

Olimpia, 17/1/1957.

Crônica Estrangeira

Roberto Dell

De «Spiritualisme Moderne».

Dell, conhecido médium inglês, é o sétimo filho de uma família. Êle foi criado por uma irmã, em Cardiff, onde fez parte de um coral religioso.

Quando êle cantava, via figuras que acreditava serem anjos...

Por vezes também via um outro padre ao lado do que oficiava.

Certa noite, um amigo lhe disse que ia assistir a uma sessão espírita.

— O que vem a ser sessão espírita? perguntou Roberto Dell.

— É um lugar em que os mortos reaparecem, respondeu o outro.

—Eu não creio nisso, disse Roberto.

Deixando o amigo ir à sessão, Roberto voltou a sua casa e pediu a Deus lhe fizesse saber se os mortos voltam.

Entrementes, na sessão, seu amigo recebeu uma ordem: «Ide e trazei o jovem a quem falastes...» Pouco depois, Roberto recebia esta mensagem: «Meu filho, tua oração foi ouvida. Os mortos voltam. Tu irás trabalhar por êles e pelos que vivem».

Após três anos de viagens, durante os quais êle investigou os fenômenos espíritas em diversos países, voltou a Cardiff. Êle se alistou na R. A. F. no começo da guerra, a ninguém revelando seus dons psíquicos. Mas a verdade veio a lume. Seus colegas descobriram suas faculdades e as respeitaram.

Certa tarde, pouco antes da partida duma missão de bombardeio em território inimigo, um camarada lhe perguntou: «Bob, que dizem suas «vozes» relativamente a esta tarde?» Dell estava embaraçado; êle procurou contornar a pergunta: «Ó elas me dizem que o tempo será bom!» Mas seu companheiro respondeu: «Eu tenho o pressentimento que não voltarei... Suas «vozes» nada dizem a respeito?»

...Eu sabia, tão certamente quanto Deus está nos céus, que êle não volta-

ria, porém respondi: «Mas, sim, você voltará. Eu irei encontrá-lo quando voltar». Êle replicou: «Falemos agora». Eu recusei e repeti: «Não, venha ao meu encontro quando voltar de sua missão de bombardeio».

Ás 3 horas da madrugada fui despertado por uma sensação gelada no quarto. O camarada ao qual eu falara, materializou-se diante de mim. Eu lhe disse: «Você está de volta, Paddy ?» Êle desapareceu sem responder.

Dia seguinte, soube-se que seu avião desaparecera. Êle fôra abatido em châmas acima da Alemanha.

O Duplo

Reproduzido de «A Gazeta», de S. Paulo

Conto o milagre, não o santo, pois tenho minhas razões. Um dos casos mais estranhos de minha vida. Fora êle a insistir pelo telefone, que deviamos assistir ao sepultamento de nosso amigo. Tencionava, de minha parte, mandar telegrama de pêsames à família, eu estava muito ocupado, naquele dia. E êle teimando. Fomos ao cemiterio, escasso era o tempo. Esperamos bom pedaço, por fim chegou o entêrro. Após a encomendação na capela, enfiamo-nos entre os circunstantes junto ao carneiro. Baixaram o ataude, enquanto o pedreiro mais o coveiro rebocavam a entrada do túmulo. Silêncio abafante, apenas entrecortado pelo barulho da pá e pela tosse dos que limpavam o pigarro da garganta. Alguém abriu o caixão.

Senti que êle estremeceu e me agarrou o braço. Fitei o rosto do defunto, lugubremente branco, mãos no peito. Êle me sacudiu pelo braço. Voltei-me. Assustou-me sua lividez, maior que a do cadáver. Não me disse nada. Compreendi, entretanto, o horror que o invadira, olhar de espavento, de loucura. Afastou-se, atravessando a multidão. Fiquei inibido de acompanhá-lo, porque fechavam de novo o esquife, e o empurravam ao interior do carneiro. Á saída, encontrei-o desfigurado, no portão da necrópole. Boca virada, ar de epiléptico, balbuciou com dificuldade: «Era eu quem se achava no caixão! Eu me vi deitado, morto! Meu cadáver! Sim... sim... nenhum engano... enterram-me naquele jazigo...»

* * *

Não houve argumento de lhe arrancar aquilo da cabeça. Anos em fora, manteve a convicção, e nunca lhe percebi algo de desequilíbrio. Normal, raciocínio seguro, eliminou qualquer perigo de repercussão moral ou abalo psíquico. Acreditou no fenômeno do duplo, no desdobramento da sua pessoa. A parte do corpo, a material, permaneceu à beira da sepultura, e a espiritual, a alma, havia tomado o lugar do morto. Debatemos o assunto, e êle se achou absolutamente senhor e certo do que dizia e acreditava. Impressionou me bastante o fato, mentiria eu se o negasse, consultei obras e entendidos, e afinal a manifestação do duplo foi apresentada como questão irrespondível, inexplicável. Hamlet ponderava bem a Horácio: «No céu e na terra, há mais coisas do que sonha a tua filosofia !»

Os psiquistas sustentam a tese que meu camarada expunha, constantes as demonstrações em seu favor. Quando o indivíduo sonha que viaja por outras terras e vê outras cidades e outra gente, é o desdobramento da personalidade, excursiona a materialidade ectoplásmica da alma que se separa do corpo dormente. Materialistas há, para quem só existe o corpo; e alma, e espírito se reduz a simples emanação da matéria, como sucede, na opinião deles, com o pensamento, mera secreção do cérebro; materialistas há confirmando o fenômeno do duplo. Basta que o indivíduo, consciente ou inconscientemente, queira projetar-se, e se concentre, para em seguida formar-se seu «outro eu» a distância. Fôrça, energia da matéria, dominada pela vontade. Registo opiniões, não as discuto.

* * *

Dostoiewsky escreveu um dos seus primeiros romances de novelista genial, há um século, focalizando o tema do duplo. Obra traduzida ora com o título de «O duplo», ora com o de «O sósia». Não obstante falir o escritor no intento ao começo da carreira literária, a ponto de julgar-se o livro um absurdo de patologia, obteve mais tarde a consagração, já no fastígio do russo incomparável. O

herói do romance—Iakov Petrovich Goliadkine—é alienado mental, ultrapassando já as fronteiras da loucura. Uma noite, vagando pelas ruas de São Petersburgo cobertas de neve, esbarra com a personagem que é a sua própria duplicata. Tão similhantes ambos como dois irmãos gemeos, como duas gotas dágua. Por sinal que o outro se chama também Iakov Petrovich Goliadkine.

Principia a tragédia, com agravar-se a doença. Por tôda parte, o duplo o persegue, tortura-o na desmoralização empreendida contra êle no meio onde vivem. Trabalham no mesmo escritório, falam-se, saem juntos, porém incompatibilizados entre si pelas hostilidades nascidas de profundo ódio. Tudo visagem de morbidez. O duplo só existe no delírio de Goliadkine, e as intervenções que êste provoca de terceiros para convencerem o outro a não o acuar e humilhar, despertam desconfiança de que o herói perdeu o juizo. Não suponham suspeita de minha parte, acêrca do camarada referido no acontecimento do cemiterio. Tive-o em conta de são e perfeito. A não ser que o distúrbio psíquico se circunscrevesse à cena do túmulo, limitando-se à crença tão convictamente defendida.

Antonio Constantino.

História de Fantasmas

«De Estudos Psíquicos».

Lemos o seguinte numa secção especial do «*Diário de Notícias*», de Lisboa, sob o título «Fantasmas numa aldeia francesa».

«Para quem não acredite em fantasmas, a história parecerá incrível. Mas não é tanto assim.

«Foi o caso que na aldeia de Saint-Clair, que tem 374 pessoas e fica próxima de Poitiers, habita numa quintarola a famíla Caillaux. E na semana passada os frascos de compota alinhados nas prateleiras da cozinha, começaram a cair com exatidão matemática. Os livros, por sua vez, desabaram da estante para o solo; os lençóis e os cobertores escorregaram da cama para o soalho. E quando tudo era colocado no seu lugar, tornava a cair.

«O pior foi quando o chefe da família — o sr. Caillaux — se levantou, ao romper da alva, num domingo, e foi fazer a barba. Ao abrir a torneira do lavatório, o pincel de ensaboar deu um pulo e foi para o canto da casa.

«Apavorado, mandou chamar o cura da aldeia, que tentou acalmar o paroquiano. Quando se entregava a essa missão uma grande frigideira soltou-se da pega e quebrou o maxilar inferior do sacerdote.

«Era de mais! Caillaux recorreu então à polícia, que mandou dois guardas, os quais permaneceram na quinta durante 40 horas e nada descobriram.

«Só podia ser, portanto, obra de fantasmas. Uns fantasmas amigos de desarrumar a casa dos Caillaux...»

Desta vez o jornalista não «fez espírito» a propósito dos espíritos. Podia-lhe voar a «gillete» ou o «baton» em frente do toucador... e o caso não seria brincadeira. Haja em vista os apuros do sr. Homem Cristo na «Casa Fantástica da Cumeada», de que fala Flammarion em «Casas Mal Assombradas». O melhor é relatar sem comentar, porque os fantasmas aparecem, quando menos se espera, e ajustam contas à margem dos códigos terrenos, principalmente se os interlocutores «armam em espertos», como alguns que não ganham para o susto e deixam a bagagem na «terra de ninguém...»

O Diabo conquista crescente respeito

Pelo fato de um fanático ter escrito, numa folha de Leicester, que o diabo era responsável pelo Espiritismo, Frank Marshall escreveu:

«Crescente é em mim o respeito pelo diabo, porque êle tem sido acusado de praticar muitas ações nobres e boas, tais como — cura de enfêrmos e demonstração da verdade da imortalidade».

«Eu vou propôr um voto de agradecimento ao nosso amigo, o diabo, por ter introduzido uma filosofia no seio da humanidade; filosofia que, não só desperta o raciocínio, como também, se for posta em prática trará paz à terra, concitando-nos a vivermos uma vida boa aqui, para sermos felizes no Outro Mundo».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório Antonio Luiz Sayão

Do «Jornal de Araras», transcrevemos a seguinte notícia sôbre o Sanatório Antonio Luiz Sayão construido nessa adiantada cidade, que é Araras:

«Sem o aparato das grandes inaugurações, sem o toque das festividades pomposas, modestamente, dentro da finalidade objetiva para que foi criado — o Sanatório Antonio Luiz Sayão, lá na colina do Belvedere, recebeu na semana que passou os seus primeiros doentes.

Não se pode negar que houve festa nos corações daqueles que há muitos anos sonhavam com essa imponente e meritória realização. Houve festa e houve preces a Deus. Preces de agradecimento pelo amparo, pela ajuda, para que aquela obra se tornasse, agora, realidade autêntica.

Majestoso, está no alto da colina o Sanatório. Mostrando-se a todos, nas margens da Via Anhanguera, sendo visto, sendo admirado pelo seu porte, surpreendendo aos céticos, sendo exemplo e estímulo do valor do trabalho e da fé cristã. Se todos que por ali passam soubessem das lutas, dos sacrifícios, das dificuldades vencidas, naturalmente veriam aquela obra com mais carinho, diante da vitória sôbre a indiferença, sôbre a dúvida que o pugilo de abnegados idealizadores e realizadores teve de vencer.

Venceram para o bem daqueles que possam ficar doentes, venceram para o bem de Araras.

Segundo os seus estatutos a diretoria não indagará da crença, da posição social, da raça, côr ou origem do doente que bater às portas daquele hospital. Cumprirão, temos certeza, os diretores, os postulados que êles mesmos transformaram em lei. Cumprirão cristãmente, pelo amor que devotam ao próximo.

Foi assim prezados leitores, em silêncio, que Araras ganhou mais um notável recurso assistencial; será assim, que famílias inúmeras, sofredoras por terem seus doentes longe, em lugares difíceis para visitá-los, sentir-se-ão mais felizes.

Direção Clínica e Enfermagem

É o Sanatório Antonio Luiz Sayão registrado junto aos poderes competentes, por se enquadrar, devidamente, dentro das exigências da medicina social e hospitalar moderna.

Seu diretor clínico é o Dr. Gil Perche de Menezes, que exerce, ainda, as funções de médico interno do Sanatório Américo Bairral de Itapira. Pensa o Dr. Gil em mudar-se mais tarde para nossa cidade. Ganharemos dessa forma mais uma especialidade médica em nossa terra, para maior confôrto daqueles que precisando, sempre demandam a S. Paulo ou a Camipnas.

Estão à testa do trabalho de enfermagem do Sanatório D.ª Janine Penteado e o farmacêutico Sr. Mário Serra que dirigem respectivamente as enfermarias femininas e masculinas do nosocomio.

Novo Pavilhão a Disposição dos Doentes

Da visita que fizemos ao Sanatório, em pleno funcionamento, ficamos surprêsos com o aparecimento de mais um pavilhão moderno, construido dentro da técnica especializada, apropriado para doentes agitados. Nesse pavilhão já encontramos um doente que havia sido submetido pelo especialista a determinado tratamento que lhe dera sono profundo.

Percorremos as demais dependências tôdas elas prontas para receberem os doentes que procurem o Sanatório. O pavilhão masculino conta atualmente com 22 quartos prontos, ao longo de um amplo corredor que sai para um «hall» espaçoso. A secção feminina conta com 10 quartos. Destacamos a farmácia em organização e especializada. Rouparia organizada no segundo pavimento.

* * *

É ampla vitória para a causa do bem da humanidade êsse auspicioso acontecimento. Que o nosso Govêrno ampare com as subvenções precisas essa obra que vem ajudá-lo; pois como é do conhecimento de todos os estabelecimen-

tos que govêrno possui estão super-lotados, não podendo receber mais os pedidos que lhe chegam. Que tôdas as autoridades voltem-se para essa notável realização: as estaduais, federais e municipais.

Agora, não será mais para auxílio ao Sanatório, mas aos doentes que precisam ser amparados e que ali se encontram».

29/9/1957.

O Pavoroso Materialismo da Igreja

Havendo o Jornal do Comércio, de 13 de Novembro último, publicado as declarações de Dom Estêvão Bittencourt, professor de Teologia do Mosteiro de São Bento, no Rio Janeiro, declarações em que o professor reincide no monstruoso êrro da igreja, ainda recentemente homologado pelo próprio Papa Pio XII com a expedição do dogma da ascenção ao Céu da Virgem Maria em corpo e alma, êrro consistente agora em esperar que as viagens interplanetárias se prestem a êsse objetivo de levar os homens, em seus corpos, ao Paraíso *(horresco referens!)*, o nosso confrade Arnaldo S. Thiago dirigiu a Dom Estêvão Bittencourt a seguinte carta aberta, para a qual abrimos espaço nestas colunas:

«Ilustre patrício Dom Estêvão Bittencourt.

A doutrina da igreja, por vosso intermédio exposta, com relação à entrada do homem no paraíso com vida (o que, pelo contexto, se vê bem claro que é a vida do corpo), não encontra amparo no sentimento religioso que nos mostra, à evidência, pertencer essa mesma vida, que a igreja persiste em atribuir à matéria, ùnicamente ao Espírito, conforme a formal declaração de Jesus: «O espírito é que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida». (Jo. — 6 — 63); «Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade». (Jo. — 4-24). Como, pois, em face da palavra do Cristo, persistirdes no êrro de relacionar a vida eterna com a carne que morre?!

Lendo o que declarastes e vem publicado no Jornal do Comércio de 13 de Novembro, compús o seguinte soneto, a ver se consigo elucidar melhor o assunto, fazendo-o em estilo poético:

Pensar em têrmos de imortalidade
Quanto à vida carnal que nos comprime,
É mais do que absurdo, é mesmo crime
De lesa-consciência e, pois, maldade.

O que a igreja sustenta — impiedade! —
Por menos que a Razão em bem se estime,
No Evangelho não tem onde se arrime
E inflinge danos à cristã Verdade.

Subir com o próprio corpo ao Paraíso!
Irrisório pensar, que põe um riso
Té no rosto de um frei petrificado...

O Espírito é que vive! Abandonado,
Por êle, o corpo decompõe-se e á terra
Tudo entrega de vil que em si encerra.

O meu intúito é honesto, Dom Estêvão Bittencourt. Já é tempo de se conformarem os teólogos com a Doutrina do Cristo, encarregando-se dos Espíritos e deixando as cousas da vida material aos que disso devem tratar: «Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus». A parte da igreja deve ser esta última; a do govêrno temporal, a primeira».

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 329.498,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes um Feliz Natal.

A Doutrina Espírita oferece a solução possível e racional a uma porção de fenômenos morais e antropológicos, que se testemunham diàriamente, cuja explicação se procura em vão em tôdas as doutrinas conhecidas. — ALLAN KARDEC.

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço, cr.$26,00, inclusive porte e registro.

"Gênesis da Alma"

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.ª edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos sêres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de todas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr. $ 20,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 56,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	„ „	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**